

“o que ficou do rasgo” de Fabianna Pellegrino

A palavra é um objeto? A palavra representa um objeto? Questões que vão de *Ceci n'est pas une pipe* de Magritte, mas que podem sugerir o comentário de Andy Warhol sobre o espelho que olha para um espelho e sua indefinida imagem refletida: esta seria o quê, afinal? Qual é a miragem projetada daquilo que já é miragem em si?

Fabianna Pellegrino ocupa as janelas da Abapirá com seu poema *Silêncio*, onde trata da relação das palavras e da construção do mundo; ao menos numa primeira leitura. Na verdade, o poema se transforma em algo novo a cada vez que nos debruçamos nele. Seu humor final pode ser irônico, mas pode ser inocente, pode ser consciente ou inconsciente: e não é isso que cabe a um artista?

E essa não deve ser a especialidade do poeta?

Dar espaço ao observador para que a obra importe aquilo que lhe cabe criando um mundo inteiramente novo, que jamais existiria sem o conjunto obra/observador. Além do poema, colagens visuais criadas pela artista estão lá também: dos observadores liliputianos da deusa grega às vacas magras que pastam o mar inundado no apoio à Capitu que devolve recatadamente o olhar ao fruto proibido.

Sua delicadeza está justamente em criar ambas possibilidades, em não descartar o todo complexo que somos, céticos ou crentes.

“Tenho certeza que vou me olhar no espelho e não ver nada. As pessoas estão sempre me chamando de um espelho, e se um espelho olhar no espelho, o que haverá para ver?” Andy Warhol

Andy Warhol gostaria de ser poeta, com certeza... hoje a força da poesia vem de Fabianna.

Foucault levanta a possibilidade da tela de Magritte ser um caligrama, um conjunto gráfico e ortográfico que elimina a retórica para fazer brotar um novo campo de compreensão. Em seu texto, ele enxerga a negação da imagem óbvia como um poema gráfico perfeito, onde a dissolução daquilo que seria um típico caligrama forma aquilo que somente o é metafisicamente.

“A forma, quanto a ela, volta a seu céu, do qual a cumplicidade das letras com o espaço a havia feito descer por um instante: livre de qualquer liame discursivo, ela vai poder flutuar de novo em seu silêncio nativo.”
Michel Foucault

Se para Foucault pintar não é afirmar, parece que para Fabianna escrever não é dizer...

A mentira das palavras encontra-se nas esquinas de nossa representação momentânea das suas imagens inventadas. A verdade das palavras está na nossa íntima experiência de sua tangibilidade extrínseca, um honesto paradoxo. Fique claro que a mentira não é o inverso da verdade, mas a possibilidade de enganar a certeza que buscamos como verdade.

A poesia aqui parece aquela camada d'água entre o vento e sua profundidade que se arrepia sem revelar de pronto aquilo que quer importar. Um sopro de mulher neblina no mar, como Iansã.

Gui Martins Pinheiro, 10 de fevereiro de 2021

www.abapira.art

silêncio

no princípio
as palavras
eram mágicas.
dizia-se "oceano":
de súbito os olhos
dos abismos
enchiam-se d'água.
dizia-se "luz":
e às trevas traziam
carícias
os raios mornos
da manhã

e assim foi com
bicho-fruto-céu
planta-lua-sol
terra-estrela
chão

e assim, palavra
sobre palavra,
construiu-se a casa
onde habita o homem
[e a mulher, também,
no quarto dos fundos]

mas certa feita
as palavras
foram sopradas
sem o mesmo
fôlego da vida

palavras que,
de desabitadas
pelo talvez,
nada tinham
do sim
que a primeira
molécula
disse à outra

o que se pode tirar é que,
em princípio,
deus gastou todo
o verbo
e, desde então,
não se fala mais nisso.

Fabianna Pellegrino - "o que ficou do rasgo"

10/2/21 - 20/3/21

www.abapira.art